

HISTÓRIA E CINEMA : AS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS

Monografia apresentada para obtenção de título de Especialista no Curso de Pós-Graduação em Linguagem, Imagem e Ensino de História, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Maria A. S. Schmidt

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	3
2 REFLEXÃO SOBRE A BIBLIOGRAFIA ACERCA DO USO DE FILMES EM AULAS DE HISTÓRIA.....	9
3 OS DADOS.....	13
3.1 AS ENTREVISTAS.....	13
3.2 OS RELATÓRIOS DE OBSERVAÇÃO.....	18
4 CONCLUSÃO.....	21
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

O documento histórico torna-se vital para os historiadores a partir do século XIX, quando começa a iniciativa de dar primazia a desvendar o “que realmente aconteceu”, a partir de evidências documentais, sobretudo escritas. Essa ênfase no documento se modifica no transcorrer do século XX, quando o conceito de documento passa a ser cada vez mais amplo, indo além dos documentos escritos, abrangendo todo o resultado da ação humana. Assim, inúmeros objetos, incluindo imagens, passam a ser documentos para a história.

Entretanto, essa não foi a única mudança importante no método da história. Ao mesmo tempo em que se avaliava a ampliação do conceito de documento, a idéia de que a história e o conhecimento histórico eram prontos e acabados e determinados pelos documentos se desfaz, vindo à tona toda a subjetividade da história como um conhecimento construído a partir do presente.

Os discursos sobre a utilização de documentos em sala de aula na disciplina de história tem sido muito difundidos. As imagens são ricas em informações sobre as sociedades que as produziram. São documentos históricos por excelência, entretanto, de um modo geral é comum, sobretudo nos livros didáticos de história, utilizá-las de modo incompleto, percebendo na imagem apenas sua capacidade de distrair, ilustrar, ou relaxar os conteúdos que são expressos pelo texto escrito. Dentro da perspectiva histórica é necessário ir além de uma interpretação imediatista das imagens e buscar nelas informações mais profundas sobre quem as produziu, por quê e como foram recebidas em épocas diferentes.

As imagens em história nunca são inocentes, e dependendo da forma como são tratadas em sala de aula podem construir representações variadas, tais como uma visão romantizada do passado ou uma visão militante dos fatos.

Sobre a leitura das imagens é bastante proveitoso voltar-se para a metodologia da história da arte : a iconologia. Esse método consiste em identificar e inventariar todos os elementos/objetos encontrados em uma imagem e depois relacioná-los dentro do contexto da própria imagem. Por fim, pode-se perguntar por quê aquela sociedade produziu aquela imagem. Com essa perspectiva, é possível ir além na interpretação histórica das imagens.

Marc Ferro¹ foi o primeiro a vislumbrar a possibilidade do uso da produção fílmica como documento histórico e portanto, utilizável em sala de aula. Desde então é possível observar cada vez mais professores adotando em sua prática na sala de aula a apresentação de filmes, imagens, vídeos. Tais adoções de metodologia se fazem sobretudo com dois objetivos : ilustrar os conteúdos históricos e usá-los como documentos históricos na construção do conhecimento histórico. Sobre essa questão, Circe Bittencourt alerta para o fato de que os filmes devem ser encarados pelos professores de história como documentos históricos e não como no início do uso de filmes em que esses eram encarados como forma de "ressuscitar a história aos olhos de nossos alunos".

Foi possível perceber que as interpolações entre cinema e história foram percebidas, inicialmente, por Marc Ferro. Este historiador fez considerações de grande validade para esta pesquisa. O primeiro aspecto diz respeito ao fato de que os filmes são reflexos da sociedade que os produziu, e além disso de que

¹ FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. 143 p.

os filmes são recebidos por essa mesma sociedade de formas diferentes. Os filmes podem sofrer mudanças de sentido e significado para as sociedades conforme varia o tempo em que são recebidos pelas mesmas.²

Para Marc Ferro, a leitura histórica e social do filme pode permitir atingir zonas antes não visíveis do passado³. Além disso, existem inúmeros focos pelos quais os filmes podem ser analisados como fontes de informação histórica⁴. A acolhida ou não a determinado filme revela muito sobre a sociedade na qual o filme surge e para a qual é feito. Essa recepção pode ser analisada em momentos diferentes e trará conclusões diferentes sobre sociedades diferentes⁵. Ferro assevera ainda que em hipótese alguma o espectador mantém uma atitude passiva perante os filmes, mas de que os reelabora segundo suas próprias concepções.

Tendo essa amplitude dada por Ferro para os filmes como documentos históricos, foi possível também levá-los à sala de aula. Esse processo é bem mais complexo pois nem sempre foi realizado com o objetivo de encarar os filmes como documentos históricos, mas como uma forma de ilustrar as aulas de história. Essa perspectiva foi reforçada pelos próprios "filmes históricos", que poderiam "ilustrar" as aulas de história. Nesse sentido Anna M. Gaya⁶ chama a atenção para a necessidade de se criar no aluno a capacidade crítica para a leitura da produção fílmica. Para essa autora, o aluno atribui significado ao que vê nos filmes, por isso seu objetivo é converter o aluno em um espectador crítico e ativo. O ponto de partida desta autora são exatamente os

² FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. p. 17-18.

³ Ibid. p 19.

⁴ Ibid. p 36.

⁵ Ibid. p. 61-65.

⁶ GAYA, A. M. El film de género histórico : una experiencia didáctica.

filmes de gênero histórico, que devem ser de alguma forma apropriados aos alunos. Assim ela alerta para os inúmeros cuidados que se deve ter ao passar filmes para os alunos, no sentido de que a problemática da aula não se perca e o uso do filme não seja um fim em si mesmo, mas sempre articulado ao ponto de vista da recriação histórica de um filme histórico para projetar no presente as situações evocadas no filme.

Avaliando o fato de que os alunos são sujeitos ativos no processo de leitura. Tendo esse aspectos em consideração foi possível lançar as bases da presente pesquisa. Tendo em consideração a "atividade" no processo de leitura de um filme a qual os alunos tem capacidade foi possível verificar como este processo se dá ao nível das representações. Sendo assim, um fator importantíssimo, que precisou ser pensado nesse processo é a perspectiva que os receptores dessas novas metodologias, ou seja, os alunos, tem desses meios empregados nas aulas de história. É nesse sentido que se construiu a problemática deste projeto de pesquisa, ou seja investigar como os alunos tem recebido a utilização de filmes nas aulas de história.

Tendo em vista o acima considerado com relação ao ensino de história é que se configurou a problemática deste projeto de pesquisa, ou seja, propor a busca de informações sobre como os alunos têm recebido o uso de filmes e vídeos nas aulas de história. Quais suas práticas de leitura, e representações sobre a produção fílmica que lhes é apresentada. O recorte do objeto desta pesquisa por motivos de praticidade e viabilidade da própria pesquisa ficou restrito aos alunos da 6^{as}, 7^{as} e 8^a séries do Ensino Fundamental da Rede Estadual do Paraná.

Desta forma os principais objetivos desta pesquisa foram:

- Dar a alguns alunos do ensino médio a oportunidade de falar sobre as metodologias que com eles são empregadas nas aulas de história;
- Verificar os problemas, entraves, ou dificuldades dos alunos com aulas que envolvam a linguagem do cinema;
- Recolher informações sobre as representações dos alunos no que diz respeito à produção fílmica nas aulas de história.

Os procedimentos usados nessa pesquisa foram basicamente a busca de informações com alunos do ensino fundamental da rede estadual de ensino, através de entrevistas. Tais entrevistas serão realizadas individualmente, os alunos foram separados de seus colegas e conversaram apenas com o entrevistador. Além das entrevistas foi possível utilizar as observações de aulas de história com filmes como fonte de informações.

Foi possível identificar algumas escolas da Rede pública com professores de história que utilizam vídeos e filmes em suas aulas que se dispuseram a colaborar com esta pesquisa.

As entrevistas para essa pesquisa não seguiram um roteiro específico, mas tiveram o objetivo principal de conduzir uma conversa informal com cada aluno sobre o tema da pesquisa, de modo a incentivá-los a se expressarem sobre o tema.

As conclusões desta pesquisa são resultado da combinação dos dados das entrevistas com os relatórios de observação à luz da bibliografia existente sobre o tema.

A importância e relevância dessa pesquisa está diretamente ligada ao fato de que a busca da melhoria no ensino de história através de novas tecnologias de ensino tem sido cada vez maior. Entretanto, não se pode deixar

de lado o foco principal no processo de ensino-aprendizagem. É essencial que se tenha a perspectiva do aluno como fonte para avaliar as mudanças e auto-avaliar a prática do professor de história.

Essa pesquisa poderá estimular estudos comparativos entre os dados aqui coletados e os dados de outras pesquisas em outras regiões do Brasil, contribuindo para a formação de quadro diagnóstico mais completo da receptividade dos filmes e vídeos nas aulas de história.

Esse trabalho pretende ainda ser uma plataforma de ensaio para um estudo mais amplo do eixo produção fílmica/ensino de história. A metodologia aqui empregada poderá servir de teste para um projeto de mestrado mais amplo, cujo objetivo é analisar o percurso histórico de instituições do Paraná como o Cetepar, que tiveram fundamental importância no processo de implementação da utilização de filmes em aulas. Essa busca realizar-se-á através da investigação dos arquivos do Cetepar, visando reconstruir as práticas de leitura fílmica dos professores de história. Tal pesquisa poderá ser um interessante contraponto como o presente trabalho, visando uma construção mais ampla do cenário de ensino/aprendizagem de história no Paraná.

2 REFLEXÃO SOBRE A BIBLIOGRAFIA ACERCA DO USO DE FILMES EM AULAS DE HISTÓRIA

Este capítulo tem por objetivo fazer uma breve reflexão acerca do material bibliográfico recente sobre o uso de filmes nas aulas de história. Este material busca orientar professores de história a respeito de como usar filmes em suas aulas, que tipo de filmes passar e ainda considerações teóricas sobre as linguagens da história e cinema que os professores podem utilizar para melhor contextualizar o trabalho com os alunos. Esse material bibliográfico é bem diverso, mas tem como característica comum o fato de poder ser facilmente encontrado ao alcance de professores do ensino médio e fundamental.

O Jornal do MEC, distribuído a todas as escolas estaduais, entre outras, de dezembro de 1999, em artigo do professor José Roberto Sadek, diretor de programação da TV Escola, intitulado “O cinema na sala de aula”⁶, é um exemplo de bibliografia recente que visa orientar e incentivar professores ao uso de filmes.

O autor expressa sua preocupação no sentido de que filmes de ficção são usados (por professores) como fontes de dados. Ele ressalta que os filmes não retratam a realidade mas são usados como fonte de dados. O filme de ficção é fruto de uma pesquisa, mas não relata a pesquisa.

Já na coletânea Lições com cinema⁷, o texto “A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais” da autora Marília da Silva Franco ressalta a

⁶ SADEK, José Roberto. Cinema na sala de aula. JORNAL DO MEC. Nov/Dez de 1999, p. 18 e 19.

⁷ Coletânea lições com cinema / Marília da Silva Franco... [et. al.]; Antônio Rebouças Falcão e Cristina Bruzzo, coordenadores. São Paulo : FDE. Diretoria Técnica, 1993. p.15 – 33.

crença em um febre do audiovisual e que de algum modo ainda guarda-se o velho preconceito de que TV faz mal. O texto ainda ressalta que pode existir um visão unânime de que “filme educativo é chato”.

Assim, ao invés de perceber na tecnologia do cinema uma nova linguagem a ser usada muitos educadores a jogaram fora como má influencia. O erro cometido na tentativa de criar o cinema educativo foi , exatamente, o de querer limpar a linguagem audiovisual dessa sua vocação de liberdade ante a lógica do tempo e do espaço.

Os professores passam a buscar filmes, inicialmente numa sensação de estarem perdidos quanto ao seu uso. Por outro lado muitos filmes didáticos estariam alheios à realidade do aluno. Por fim autora relata o preconceito de que professor que passa filme quer matar aula.

Em outro texto dessa mesma coletânea “O filme : um recurso didático no ensino de história?” de Antônio Penalves Rocha⁸ o autor aponta para uma grande tendência e ampliação do uso de filmes como recurso didático. Os professores de história o utilizariam em razão do vasto material com temas históricos e da escassez de materiais didáticos para uma matéria marcadamente abstrata com é a história. O autor ainda alerta que nenhum filme é neutro em relação à sociedade que o produziu. Os filmes surgem dentro de um determinado quadro cultural e sua produção está sujeita a condicionamentos históricos e ideológicos. O filme age na história. Todo o filme é histórico. (ou todo o filme é um documento histórico?) Por se tratar de arte os filme não tem compromisso com a realidade, portanto ele nunca poderá ser um documento histórico único, mas deverá sempre estar associado a outras

⁸ Ibid. p. 69 – 86.

fontes. Ninguém exigirá do cinema uma religiosa fidelidade às fontes de informação. O autor ainda fala de uma “representação cinematográfica da história”, na qual a pesquisa histórica envolvida em um filme, para qual historiadores trabalham, trata apenas de dar verossimilhança ao filme e de evitar anacronismos. A montagem de um filme prioriza o espetáculo e não e não um conhecimento científico de história. Outro aspecto relevante é que o mesmo processo se dá com os documentários. O mesmo processo e a mesma realidade da representação. Todo o filme, histórico ou não, traz em si a marca do presente. A narrativa histórica feita por um filme deve sempre remeter-nos a sua contemporaneidade. Para o autor o filme histórico é um mal informante do passado e conclui : Cinema e História são duas matérias bastante distintas. E isto faz enorme diferença para aquele professor que acha que vai usar o filme na aula como uma aula de história ilustrada com slides.

Por fim o texto “A produção do conhecimento histórico e sua relações com a narrativa fílmica” de Elias Thomé Saliba⁹ reforça a idéia de que o filme, assim como o conhecimento histórico é produzido, é uma construção imaginativa que necessita ser trabalhada e pensada interminavelmente. Outra questão interessante abordada é a distinção dos filmes monumentos . O que transforma o documento em monumento é a sua utilização pelo poder.

O mesmo autor, Elias Thomé Saliba em artigo intitulado “No escurinho do cinema”, da revista Nova Escola¹⁰, de agosto de 1998, apresenta diversas sugestões para professores de várias áreas usarem filmes em suas aulas. Na parte que se refere à história a revista sugere o uso do filme “Policarpo Quaresma” para debater o início da República no Brasil. Na parte geral a

⁹ Ibid. p. 87 – 172.

¹⁰ SALIBA, Elias Thomé. No escurinho do cinema. NOVA ESCOLA. Ago. de 1998. p. 10 – 20.

revista trás algumas observações para os professores no sentido de perceberem que ao passar um filme estão lidando com outra linguagem, a cinematográfica e que essa linguagem precisa de algumas discussões antes de ser trazida para os alunos para que se evitem equívocos como confundir os filmes com a realidade. A revista alerta ainda para a escolha do filme certo para a idade e fase de cada aluno e ressalta que se deve dar preferência para filmes de ficção, pois esse seriam mais interessantes e chamativos para os alunos.

Desse modo é possível perceber que há uma clara orientação para os professores usarem o filme em aulas de história tomando uma série de cuidados desde a escolha do filme até o preparo inicial com os alunos para o uso desse filme. A bibliografia reitera a informação de que os filmes devem ter conexão com os conteúdos apresentados em sala de aula e mais do que isso devem ser usados como documentos históricos produzidos no presente que trazem representações sobre o passado. O filmes não mostram o que aconteceu no passado e não são fontes de dados.

Além disso usar filmes em sala de aula não é de modo algum uma tarefa fácil que substitua o professor em sala, ou que substitua os conteúdos relativos a matéria. Os filmes devem ser principalmente encarados nas aulas de história como pertencentes à categoria de documentos históricos e não devem ser o único tipo de fonte histórica usada em sala.

Desse modo é possível agora passar para os relatos e dados colhidos para essa pesquisa de modo a criar uma reflexão entre esse escopo teórico-metodológico do uso de filmes e como os alunos tem construído sua próprias representações sobre ao prática em sala de aula.

3 OS DADOS

3.1 AS ENTREVISTAS

De um modo geral, todos os alunos entrevistados para essa pesquisa evidenciaram ótima disposição com relação ao uso de filmes nas aulas de história. São inúmeras as declarações de apreciação nesse sentido. Entretanto vale a pena transcrever algumas dessas declarações, pois através do motivo que leva os alunos a gostarem dos filmes é possível perceber algumas de suas representações sobre os filmes.

Os alunos entrevistados para esta pesquisa, quando estimulados a categorizar os filmes que assistiam observavam normalmente duas categorias de filmes : os filmes “normais”^{*} – filmes de ficção e os filmes “históricos” – filmes didáticos, documentários específicos para aulas de história.

Nesse caso os alunos de 6^a série não demonstraram nenhuma preferência específica mas os alunos de 7^a e 8^a séries preferem os filmes “normais”. Segundo alguns alunos os documentários costumam ser chatos e “não dá tempo de anotar tudo”, “parece o professor falando”, já os filmes “normais” ajudam a manter a atenção por mais tempo, “mostram o cotidiano das pessoas do passado” e por isso seriam mais interessantes. Outra questão levantada nesse momento é a preferência dos alunos por filmes de ação. Os filmes que, segundo eles, tem muitos diálogos são difíceis de entender.

Com relação às legendas dos filmes, os alunos de 6^a série são os que mais rejeitaram os filmes legendados, já os 7^a e 8^a série parecem não se

^{*} Todas as referências entre aspas deste capítulo são declarações dos alunos coletadas nas entrevistas.

importar muito com isso, não tendo evidenciado dificuldades com a leitura de legendas.

Quando perguntei aos alunos de quais filmes eles lembravam, nenhum único aluno foi capaz de lembrar o nome do filme, muito menos o diretor ou atores que participaram do filme. Todos se referiram aos filmes pelo assunto : “aquele do cangaço, sobre o Lampião” , “aquele das máquinas trabalhando”, “sobre o D. João”, “sobre os padres”, etc.

Grande parte dos alunos mencionou que os professores interrompem os filmes para dar explicações de partes do filme que acham que os alunos não vão entender. Os alunos consideram essa interrupções como positivas, pois muitas vezes não estão entendendo mesmo : “eu entendo bem por que a professora para e explica para a gente”.

Os alunos demonstraram algumas queixas quanto a parte logística das aulas com filmes. Em primeiro lugar, todos os alunos reclamaram do baixo volume da TV que impede o entendimento do filme : “o volume é baixo, não dá pra escutar” , “o volume fica baixo porque tem todo aquele barulho”. Além disso foi uma queixa recorrente dos alunos o fato de se sentirem atrapalhados pelos alunos que não estão prestando atenção ao filme. Vários deles se referiram ao momento dos filmes como um momento de bagunça e indisciplina : “o barulho e a bagunça atrapalham” , “tem os que não querem ver e daí fazem bagunça”, “as vezes tem que mudar de sala para ver o filme e ai já dá alvoroço”, “depende do filme se não dá bagunça”, “alguns ficam mais largado, acham que se é filme, é para fazer bagunça e atrapalham os que prestam atenção”. Nenhum aluno referiu a si mesmo como causador da bagunça ou como fazendo parte dos alunos que não prestam atenção.

Outros declararam ainda que dependendo da cena pode haver mais “alvoroço” : “quando tem cena de beijo a professora corta por que senão os piá ficam falando”. Dessas declarações pode-se perceber que em algumas salas os filmes com “cenas de beijo” causam reações nos alunos, sobretudo os de 6ª série, certamente por que as cenas podem mexer com questões pessoais deles naquele momento de vida. Alguns reclamaram que os professores cortam essas cenas. Um outro aluno acredita que “se o professor parar o filme para chamar a atenção dos alunos fica pior”.

Outro aspecto relacionado com justificativa da indisciplina pelos alunos foi o fato de muitas vezes terem de se deslocar da sala de aula para a sala de vídeo ou biblioteca para ver os filmes : “na sala de vídeo tem mais bagunça” , “quando vem para a biblioteca por que tem mais barulho, os alunos falam mais e atrapalham”.

Muitos se referiram aos filmes como importante pois, o professor poderiam pedir as questões do filme em provas : “a gente faz anotações por que depois ajuda na hora da prova”, “a professora faz uma prova depois para ver se a gente entendeu mesmo o filme”. Ainda é possível identificar os alunos que consideram os filmes como importantes para lembrar a matéria ou “aprofundar o que já foi estudado no livro”, “dependendo da matéria a professora dá um filme para fixar aquele assunto”.

Todos os alunos entrevistados para essa pesquisa se referiam aos filmes assistidos na aulas de história pelo tema do filme mas não pareciam ser capazes de relacionar o filme ao conteúdo estudado em sala. Quando questionados sobre o que aprenderam com determinado filme citado por eles as respostas eram evasivas, ou escapavam para generalizações do tipo : “ os

filmes são bons por que ajudam a gente a aprender”, “copiando você não aprende tanto quanto com o filme”.

Além desses aspectos os alunos se queixaram de Ter que ver o filme em partes, por causa da duração de cada aula : “a gente não vê o filme todo e quando volta a assistir já esqueceu tudo”, ou “é ruim quando não tempo de ver o fim do filme, a gente aprende menos por que não entende toda a história.”

As declarações mais interessantes dos alunos se referem às suas concepções de como o filme é feito. Alguns tem bastante consciência de que os filmes são montados, por exemplo : “eles pesquisam um monte para fazer um filme desses”. Entretanto, quando questionados se gostavam de assistir filmes nas aulas de história grande parte dos alunos relatou o seguinte : “gosto muito por que daí você vê como realmente aconteceu”, “ com o filme a gente pode entender melhor e fazer uma idéia dos detalhes do que aprendeu”, “sim, por que a gente pode ver como é a vida deles, como eles viviam antes”, “é mais fácil, por que explicando oralmente você não tem uma idéia do que é, como eles faziam, o filme ajuda a entender mais por que mostra como era”, “com o filme você não forma uma idéia erra de como era pois você está vendo”. Essa declarações foram espontâneas, e surgiram junto com a questão sobre o porquê os alunos gostavam dos filmes.

Depois quando questionados se eles achavam que o filme era uma representação uma explicação sobre o passado, muitos deixaram de responder ou disseram que de fato entendiam que o filme era uma explicação. Mas nesse caso resta a dúvida se este termo explicação foi usado para se referir às pessoas que conceberam o filme ou ao fato de os filmes serem considerados como um explicação melhor da matéria.

Desse modo, poucos foram os alunos que relacionaram o tema do filme ao conteúdo estudado (apenas um mencionou o filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin como “um modo de ver o homem alienado do processo produtivo na Revolução Industrial”) todos os outros alunos lembravam dos figurinos dos filmes, cenas de ação que os empolgaram, ou outros detalhes sem relacioná-los a nenhum conteúdo.

3.2 OS RELATÓRIOS DE OBSERVAÇÃO

Nas aulas de história com o uso de filmes que puderam ser observadas nessa pesquisa foi possível perceber várias informações que ajudam a completar os dados das entrevistas.

Logo no início das aulas observadas para essa pesquisa, os alunos recebiam a notícia de que veriam um filme e as reações eram diversas : alguns mencionavam apreço pela atividade gritando : “Oba!” e outro se referiam de forma negativa : “que saco!”. A maioria ficava calada com uma expressão que revelava apatia.

No começo da projeção do filme ainda havia muita agitação entre os alunos expressa por conversas que se dissipavam logo nos primeiros dois a três minutos. A partir desse momento foi possível observar na maioria das salas que todos os alunos olhavam para o aparelho de televisão por aproximadamente dez minutos, transcorrido esse tempo, alguns alunos voltavam-se para outras atividades, como olhar o caderno, ou algum livro, rabiscar um papel ou olhar para qualquer outro lado que não fosse o aparelho de televisão. Esse comportamento pôde ser observado mesmo nas salas escurecidas, ou nas salas de vídeo. Uma outra parte dos alunos começava a fazer anotações que pareciam ser sobre o filme e por vezes pediam para parar o filme pois queriam ouvir de novo uma frase que não puderam entender. Como o filme não era parado para isso, esses alunos se voltavam para seus colegas pedindo a informação que tinham perdido. E finalmente uma outra parte da turma simplesmente abaixava a cabeça na carteira e começava a dormir.

Em algumas aulas os professores paravam o filme e chamavam a atenção dos alunos apenas quando a turma começava a conversar e as vozes impediam que se ouvisse o filme. Os alunos mudavam temporariamente de comportamento e depois voltavam à atitude anterior.

Em um bloco de aulas observadas para essa pesquisa os alunos de 6ª série estavam assistindo ao filme “Gandhi”. Em um determinado momento do filme havia uma cena em que um grupo de soldados ingleses atirava em uma multidão de indianos dentro do templo sikh de Amristar. A cena dura aproximadamente doze minutos, e durante a cena foi possível observar que todos os alunos das turmas observadas, gradativamente iam acordando ou voltando sua atenção para o aparelho de televisão. A cena era bastante violenta e evidenciava a frieza dos soldados ingleses ao perpetrar o massacre. Nesse momento foi possível ver grande interesse dos alunos que mostravam alguma excitação durante a cena demonstrada por comentários de espanto e apreciação. Muitos alunos não haviam prestado atenção no resto do filme e possivelmente não poderiam estabelecer relação entre aquela cena com o conteúdo do filme, mas a empolgação diante do que viam era inequívoca. Os alunos expressavam-se dando risadas da cena como se ela contivesse algum conteúdo de humor. No final da aula, depois de parado o filme (os alunos não viram até o final, o que os levou a queixas nesse sentido) vários alunos expressaram suas opiniões sobre o filme ressaltando a cena como um momento “legal” do vídeo. Todos os alunos que se expressaram nesse sentido eram do sexo masculino, nenhuma menina apreciou a cena e algumas comentaram que se sentiram chocadas ao ver a cena.

Foi possível ainda perceber que os alunos se aborreciam muito quando o sinal batia para o término da aula e o filme era interrompido. Vários expressaram o desejo de continuar vendo o filme, mesmo os que não estavam prestando atenção no filme e outros ainda reclamaram por não poderem saber o fim do filme.

Em um outro bloco de aulas observado, alunos de 8ª série assistiam ao filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin. O comportamento observado durante o filme era basicamente o mesmo : aproximadamente um terço da sala dormindo, um terço distraído com outras atividades e um terço olhando para o aparelho de televisão. Entretanto em alguns momentos o terço de alunos que assistia ao filme expressava-se dando risadas de algumas cenas de humor do filme. Essa atitude acordava alguns dos que estavam dormindo e chamava a atenção dos restantes, que passavam a se interessar momentaneamente pelo o filme. Logo que a cena terminava, ou o foco do filme se modificava, grande parte dos alunos perdia o interesse e voltava a suas distrações anteriores.

4 CONCLUSÃO

Tendo como base os dados recolhidos para essa pesquisa foi possível perceber que os alunos apreciam os filmes nas aulas de história, entretanto o motivo pelo qual os alunos gostam dos filmes pode dar alguma idéia de suas representações acerca da linguagem do cinema.

Os alunos raramente foram capazes de associar os conteúdos dos filmes à matéria ou conteúdo estudado em história. Os filmes parecem ser uma forma de distração ou ainda de ilustração das aulas de história. Os filmes, na visão dos alunos parecem tornar as aulas mais interessantes e os professores que os usam são classificados como “legais”.

Os alunos percebem a necessidade de fazer anotações durante o filme como um modo de controlá-los durante o período em que estiverem na sala de vídeo. Fazendo anotações são forçados a prestar atenção e se manterem quietos. Os alunos que, mesmo sob essa forma coercitiva, não se mantêm quietos são vistos como bagunceiros e perturbam os que querem prestar atenção. Aqui fica claro que os alunos identificam a necessidade de atenção ao filme não tanto como uma forma de ampliar sua compreensão do mesmo, mas como uma maneira de obter êxito escolar. Muitos alunos se referiram aos filmes como um modo de ajudar a se lembrar de informações na hora da prova ou ainda como um modo de entender o que foi explicado em sala. Isso está muito distante de encarar o filme como um documento histórico, que possa ajudá-los a compreender e construir um conhecimento histórico próprio.

Em suas declarações espontâneas os alunos percebem os filmes usados nas aulas de história como uma forma de os professores provarem o

que dizem em aula pois no filme eles estão “vendo o que aconteceu”. Infelizmente parece que os filmes são percebidos como realidade e não como uma forma de explicação ou “visão” desta.

É possível supor que os alunos estejam bastante expostos a documentos tais como filmes e imagens televisivas, entretanto essa exposição não os levou necessariamente a um questionamento sobre a produção dessas imagens. Parece que o que é mostrado em um filme reveste-se de um incrível caráter de verdade, pois afinal de contas os alunos estão vendo os acontecimentos.

O fato de nenhum aluno saber o nome de nenhum ator ou diretor de cinema é bastante significativo para a compreensão dessa dificuldade em perceber o cinema como uma linguagem. Em suas falas os alunos nunca se referiam aos filmes falando de cenas, tomadas, efeitos, cortes, interpretações ou outros termos que evidenciassem a percepção do filme como algo produzido por alguém.

Essa dificuldade em perceber o cinema como uma linguagem que não está mostrando os acontecimentos e sim uma representação deles, pode levar a um questionamento sobre a noção de tempo desses alunos. Se eles acreditam que estão vendo o que aconteceu, através do filme, quando eles acham que tais eventos aconteceram?

É possível perceber dos relatos dos alunos que não há uma forma muito coerente de organização dos eventos no tempo. O termo : “antigamente” parece encerrar todo o passado de modo uniforme, sem distinguir quão antigamente ou quão recentemente se passaram os fatos relatados. Parece existir um oposição que revela uma lógica binária de divisão do mundo

“antigamente” se refere a “eles”, ou seja o passado e todo o resto é o presente, ou seja “nós”.

Além disso os alunos revelam vários problemas de ordem prática que muitas vezes são deixados de lado. Por exemplo, parece ser muito difícil aos alunos de 6ª série sobretudo prestar atenção em filmes legendados. Talvez eles não consigam sequer ler as legendas a tempo de compreender o roteiro do filme. Diante disso o aluno reage rejeitando o que lhe é apresentado se desinteressando ou simplesmente dormindo.

Outra questão que os aborrece é a falta de oportunidade de ver o fim do filme, parece haver uma indignação com o não poder saber o fim da história. Essa postura dos professores de não mostrar o filme todo pode gerar desinteresse pois os alunos tem grande curiosidade em saber “como acaba”, se isto não acontece o raciocínio pode ser o do desinteresse, pois eles não poderão saber o fim mesmo. Parece que a atividade de assistir o filme sem o fim para alguns alunos faz com que esta perca o objetivo desde o início.

Enfim, as queixas dos alunos são bastante simples, mas revelam diversas realidades que os afetam e parecem justificar seu pouco interesse nos filmes. Tais queixas vão desde o volume baixo dos filmes, até o barulho realizado por outros. Pode-se perceber claramente que os alunos revelam uma certa desmotivação para assistir filmes, dados esse problemas.

A percepção dos alunos com relação ao filme é bem diversa daquela proposta pela bibliografia para professores de história, qual seja o uso do filme como um documento histórico, que pode permitir a construção de um saber histórico em sala de aula.

Do exposto acima pode-se concluir que o uso de filmes nas aulas de história parece ser uma atividade bastante disseminada, entretanto não têm surtido o efeito que se espera. Nesta pesquisa priorizou-se o foco dos alunos na questão no sentido de identificar suas impressões e representações, mas neste caminho o papel do professor é fundamental.

Os professores certamente tem um importante papel na transposição didática das concepções de história que são formadas pelos alunos. Os alunos tem sua própria forma de ler o mundo e aceitarão nas aulas aquilo que tiver respaldo em suas vivências anteriores, mas o papel dos professores não pode ser subestimado. Desse modo não basta apenas o investigar o foco dos alunos, mas é também de grande validade investigar a visão dos professores sobre sua prática em sala de aula.

Assim esta pesquisa pode ser concluída como uma plataforma de ensaio de um projeto maior que englobe investigações também acerca dos professores de história visando a construção de um quadro de discussão mais completo sobre o tema.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCO Marília da Silva et al. Coletânea lições com cinema. São Paulo : FDE. Diretoria Técnica, 1993.

FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

GAYA, A. M. El film de género histórico : una experiencia didáctica. S/D.

SADEK, José Roberto. Cinema na sala de aula. IN : JORNAL DO MEC. Nov/Dez. 1999.

SALIBA, Elias Thomé. No escurinho do cinema. NOVA ESCOLA. Ago. de 1998.

SALIBA, Elias Thomé. No escurinho do cinema. IN : NOVA ESCOLA. Ago. 1998. p. 10 – 20.